

SUMÁRIO

CIÊNCIAS NATURAIS.....	7
■ A CIÊNCIA É ATIVIDADE HUMANA.....	9
■ ORIGEM DA VIDA E PRODUÇÃO DE ENERGIA.....	19
■ AMBIENTE E BIODIVERSIDADE	23
■ CIÊNCIA E TECNOLOGIA: BENEFÍCIOS E RISCOS.....	27
■ COMPREENDER A NATUREZA E PRESERVAR A VIDA	34
■ A SAÚDE É UM DIREITO DO CIDADÃO.....	46
■ CONHECENDO E RESPEITANDO O PRÓPRIO CORPO	51
■ UM BOM CIDADÃO SABE ESCOLHER	54
■ CONHECIMENTO CIENTÍFICO: IMPORTANTE ALIADO DA POPULAÇÃO.....	58
■ FALANDO DO NOSSO PLANETA E DO UNIVERSO.....	61
MATEMÁTICA.....	89
■ SOMA, SUBTRAÇÃO, MULTIPLICAÇÃO, DIVISÃO E FRAÇÕES	91
■ CONJUNTOS NUMÉRICOS, NÚMEROS NATURAIS, ZERO E NÚMEROS INTEIROS	93
■ NOTAÇÃO CIENTÍFICA	96
■ PROPORCIONALIDADE E PORCENTAGEM	97
■ REGRA DE TRÊS	100
■ ÁLGEBRA, EXPRESSÕES ALGÉBRICAS E EQUAÇÕES ALGÉBRICAS	102
■ UNIDADES DE MEDIDAS	103
■ RESOLUÇÃO DE PROBLEMAS ENVOLVENDO GRANDEZAS.....	105
■ FORMAS GEOMÉTRICAS E GEOMETRIA ESPACIAL	105
■ POLIEDROS	109
■ ÁREAS, CUBOS E VOLUMES	112
■ DISTÂNCIA ENTRE DOIS PONTOS	117
■ MÉDIA ARITMÉTICA	118

■ GRÁFICOS	119
■ ESTATÍSTICA E PROBABILIDADE	121
■ SEQUÊNCIAS NUMÉRICAS	124

LÍNGUA PORTUGUESA, LÍNGUA ESTRANGEIRA MODERNA, ARTES E EDUCAÇÃO FÍSICA.....	139
--	-----

■ INTERLIGANDO AS LINGUAGENS	141
■ COMPREENDENDO AS LÍNGUAS ESTRANGEIRAS.....	146
■ CORPO E SOCIEDADE	149
■ ARTE: OLHOS PARA A VIDA.....	156
■ GÊNEROS DE TEXTO: TEMAS, FORMAS, RECURSOS E SUPORTES	165
■ VOCÊ SABE COM QUEM ESTÁ FALANDO?	172
■ OS TONS E MIL TONS DO PORTUGUÊS DO BRASIL	179
■ NA BOCA DO POVO	185

HISTÓRIA E GEOGRAFIA.....	207
---------------------------	-----

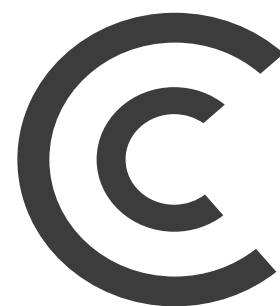
HISTÓRIA.....	209
---------------	-----

■ HISTÓRIA MUNDIAL: DO FEUDALISMO AO SÉCULO XX.....	209
■ HISTÓRIA DO BRASIL: ESTADO E DEMOCRACIA	240
■ CIDADANIA E QUESTÕES CONTEMPORÂNEAS	256

GEOGRAFIA	263
-----------------	-----

■ CONFRONTOS SOCIAIS E TERRITÓRIO NACIONAL	263
■ MUDANÇAS NO ESPAÇO GEOGRÁFICO DO BRASIL	265
■ A CIDADE E O CAMPO NO BRASIL CONTEMPORÂNEO	267
■ A SOCIEDADE E OS AMBIENTES	276

MÓDULO 1
HISTÓRIA E GEOGRAFIA



HISTÓRIA

HISTÓRIA MUNDIAL: DO FEUDALISMO AO SÉCULO XX

A HISTÓRIA NA SUA VIDA

Para entender como a História está presente na sua vida, lembre-se de uma situação real pela qual você tenha passado: por exemplo, a procura por um emprego. Se isso nunca aconteceu com você, certamente aconteceu com algum conhecido seu. Na busca por emprego, você talvez tenha encontrado dificuldades de vários tipos. Por vezes, elas provocam desânimo, pois nem sempre a vaga desejada está disponível.

É comum ser responsabilizado pelo desemprego, mas é importante perceber que a explicação para essas dificuldades não está necessariamente em quem está desempregado, mas sim na História da sociedade. Por exemplo, em algum momento da História do Brasil, pode haver alguma crise econômica que impeça as empresas brasileiras de exportarem e venderem seus produtos; com isso, elas perdem dinheiro e demitem muitos trabalhadores, ou não contratam mais ninguém, gerando, assim, uma crise de emprego.

Mas em algum momento seguinte, por motivos econômicos que a História pode ajudar a explicar, acontece uma grande procura por produtos de empresas brasileiras e elas voltam a exportar, retomando, com isso, a produção em alta escala e a contratação de novos funcionários.

Portanto, é possível dizer que o desemprego tem diversas razões que podem ou não atuar juntas. Entre elas, destacam-se:

- **Razões pessoais:** ligadas às dificuldades que cada trabalhador enfrenta para encontrar emprego ou qualificar-se para o mercado de trabalho;
- **Razões históricas:** relacionadas à sociedade e ao mundo em que vivemos.

Com relação às razões históricas, pode-se afirmar que aqueles que procuram um emprego encontram obstáculos que não podem ser superados apenas por sua ação imediata ou individual. É o que ocorre, por exemplo, quando são adotadas novas tecnologias, que podem contribuir para a demissão de trabalhadores.

O mesmo acontece quando não há redução da jornada de trabalho pelas empresas (de modo que menos pessoas trabalham mais, impedindo a contratação de outros funcionários); quando uma fábrica local fecha para se instalar em outra cidade com o objetivo de reduzir custos ou impostos; quando falta terra para o pequeno trabalhador rural, entre outros fatores.

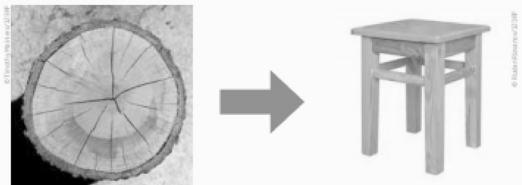
Todos esses são exemplos de problemas que afetam a situação do emprego no Brasil e no mundo, mas que não podem ser combatidos individualmente pelo trabalhador. Nesse sentido, o desemprego é um problema social, ou seja, faz parte da sociedade e está relacionado ao momento econômico, político e cultural pelo qual um país passa ou já passou.

Portanto, ele está relacionado à História do país. Isso significa que muitos dos problemas presentes em uma sociedade podem permanecer muito tempo ou então mudar, de acordo com a própria transformação da História.

O entendimento desses problemas não é simples, visto que é preciso voltar anos e anos para conhecer onde e como determinadas decisões foram tomadas. Portanto, para compreender fenômenos, como o desemprego, e outros assuntos da vida, é importante buscar sua origem e sua explicação ao longo da História.

Trabalho, capitalismo e sociedade

Por meio do trabalho, a madeira bruta retirada de uma árvore cortada pode ser transformada em um banco



O barro pode ser moldado por um artesão e transformado em vaso



A terra, cultivada por alguém que tenha noções de agricultura, gera alimentos



Esses são alguns exemplos da ação do ser humano e de como ele pode alterar a natureza em benefício próprio. Você já parou para pensar qual é a diferença entre o trabalho humano e as atividades que os animais realizam? Afinal, os animais também executam diversas tarefas para atender às suas necessidades de sobrevivência, como caçar, proteger seus filhotes etc.

A diferença é que as necessidades humanas se modificam ao longo da História e, por meio de seu trabalho, em uma ação consciente e planejada, o ser humano transforma a natureza para atender a essas necessidades. No passado, quando a maior parte da humanidade era nômade, ou seja, não tinha moradia fixa, as pessoas precisavam obter comida e se defender dos animais.

Por causa disso, o trabalho era, principalmente, caçar, pescar e coletar alimentos essas necessidades também levaram o ser humano a produzir instrumentos de trabalho que pudessem ajudá-lo. Transformar a pedra em uma machadinha, por exemplo, poderia ajudá-lo a caçar e se defender dos animais. Transformar um osso em uma ponta de flecha também.

Construir moradias temporárias, utilizando galhos de árvores, atendia suas necessidades de abrigo, uma vez que os grupos humanos se locomoviam em busca de áreas ricas em alimentos, quando os alimentos na área que ocupavam ficavam escassos.

Ao longo da História, as necessidades e os desejos humanos foram se transformando, bem como as relações que os homens estabelecem com a natureza. Para satisfazer a essas necessidades e a esses desejos, o ser humano desenvolveu diferentes tipos de trabalho: produzir tecidos; cortar e costurar vestimentas; planejar e construir casas; fabricar peças e máquinas; produzir artes variadas, como teatro, música, dança etc., entre tantos outros tipos de trabalho.

Por meio da inteligência, o ser humano desenvolveu a capacidade de transformar a natureza e planejar o uso dos seus recursos. Por causa disso, ele é capaz de criar instrumentos, ferramentas e equipamentos que o ajudam a realizar tarefas com diferentes graus de dificuldade.

Esses instrumentos são os meios de trabalho. A criação desses meios é uma das características que também diferenciam os humanos dos animais. Para uma pessoa realizar um trabalho, são necessárias algumas condições, entre elas:

- Os meios de trabalho, que são, por exemplo, máquinas, ferramentas e outros instrumentos;
- O trabalho propriamente dito, a chamada força de trabalho, que é a ação do ser humano, sua capacidade física e intelectual, para transformar algo em produto, utilizando os meios de produção de que dispõe.

São denominados meios de produção originais tudo o que o ser humano usa na forma como encontra na natureza, como a água, a madeira, o peixe e a própria terra. Quando uma pessoa realiza algum trabalho sobre esses meios de produção para utilizá-los em um novo processo produtivo, eles se tornam matéria-prima. Nesse sentido, a mesma madeira pode servir de lenha para um camponês ou de matéria-prima para a fabricação de um banco.

No primeiro caso, ela é considerada um meio de produção original porque foi lenhada por meio do trabalho humano. Já no segundo caso, a madeira será uma matéria-prima porque será empregada em um novo processo de trabalho. Para transformar uma matéria-prima em produto, o homem precisa empregar diversos instrumentos e recursos.

Tudo o que o trabalhador utiliza para modificar o seu objeto de trabalho de acordo com a finalidade que planeja é denominado meio de trabalho.

Resumindo, tanto os objetos de trabalho (matéria-prima) quanto os meios de trabalho (instrumentos e as estruturas empregadas pelo ser humano para fabricar produtos) são denominados meios de produção. Mas o processo produtivo, isto é, a produção, só se realiza quando há, efetivamente, a ação humana por meio do trabalho.



As máquinas, a eletricidade para movê-las e o prédio para abrigar todo o material envolvido, são alguns dos meios de trabalho necessários para a produção de papel.

Capitalismo: sociedade de classes, salário e lucro

O capitalismo é um sistema econômico; isto é, um modo de organizar a produção e o trabalho, presente em quase todos os países do mundo hoje. Criado historicamente a partir do século XVI, na Europa Ocidental, sua característica básica é transformar todos os bens produzidos em mercadoria, isto é, em algo que se possa vender e comprar, gerando lucro.

Em uma sociedade na qual toda a produção é trocada por dinheiro, o trabalhador é também obrigado a conseguir uma remuneração a fim de comprar aquilo de que precisa para viver. Mas como ele pode ganhar dinheiro? Do ponto de vista do trabalho, o capitalismo é uma sociedade dividida em duas classes sociais: capitalistas e trabalhadores (ou empregadores e empregados; ou, ainda, burguesia e proletariado). Os capitalistas são aqueles que possuem a propriedade dos meios de produção, ou seja, tudo o que é necessário para produzir mercadorias.

Eles são os principais responsáveis pela acumulação de riquezas nesse tipo de sociedade. Do outro lado, estão os trabalhadores, que contam com um único recurso: a sua força de trabalho. É essencial entender que, no capitalismo, a produção em larga escala é conseguida por meio da exploração dos trabalhadores, que vendem sua força de trabalho e recebem por essa venda um salário. Observe que a própria força de trabalho se transforma em mercadoria.

O sistema capitalista realiza diferentes funções sociais: produção, circulação e consumo da riqueza, mas a busca pelo lucro é o motor do capitalismo e a empresa privada é sua unidade básica, encarregada de gerar lucro. Todos os aspectos da produção estão subordinados a essa finalidade máxima. Assim, pode acontecer de uma empresa desrespeitar as leis trabalhistas ou parar de patrocinar um evento cultural, mas, na lógica capitalista, ela jamais pode deixar de lucrar.

Se isso ocorrer, a empresa terá de fechar as portas. Qualquer empresa está sujeita à falência, por diversos motivos. Entretanto, se a dificuldade em gerar lucro atingir, simultaneamente, a maior parte das empresas, ocorrerá uma crise capitalista.

Quando isso acontece, os proprietários dos meios de produção, isto é, os empresários, recorrem a diferentes estratégias para recuperar a lucratividade dos seus negócios, como redução de custos, demissão de funcionários, mudança de cidade, Estado ou país, alteração na tecnologia, entre outras possibilidades.

Lucro, o motor do capitalismo

O lucro é o motor do capitalismo, mas como ele é gerado por empresas privadas? O trabalho é a fonte que gera toda riqueza porque transforma meios de produção em um novo produto ou serviço. Mesmo em uma linha de produção com máquinas automatizadas, os trabalhadores são sempre necessários para operá-las e dar-lhes a devida manutenção. Se alguém juntar farinha, fermento, batedeira e um padeiro na mesma sala, não ganhará dinheiro com isso, a menos que o padeiro trabalhe.

O capitalista compra, no mercado, tudo aquilo de que precisa para produzir uma mercadoria: os meios de produção (matérias-primas, máquinas, equipamentos) e a força de trabalho. Mas para definir o valor da mercadoria, ou seja, o quanto a mercadoria vai custar, ele precisa pensar em alguns gastos, tais como: o preço dos meios de produção, o salário do trabalhador e o lucro da empresa.

No exemplo da padaria, o trabalhador produzirá diversos pães, cujo valor de produção será superior à soma dos seus ingredientes, porque houve a incorporação da força de trabalho. Isto é, somou-se a todos os ingredientes o trabalho do padeiro.

Valor do pão = farinha + fermento + batedeira + trabalho do padeiro.

Em outras palavras, o valor de um produto só é definido quando o trabalhador transforma os meios de produção (farinha + fermento + batedeira) em mercadoria (pão a ser vendido). É como se o seu trabalho desse vida aos meios de produção e se incorporasse ao bem produzido. O trabalho, portanto, dá valor ao artigo fabricado.

E, por haver trabalho incorporado, esse valor não será igual à soma dos meios de produção utilizados; será sempre maior e, desse modo, o trabalho gera sempre um novo valor, isto é, um valor maior do que o valor dos meios de produção somados. E o que acontece com esse novo valor? Voltando ao exemplo, suponha que o pão seja vendido a 10 reais. Se os meios de produção (farinha + fermento + batedeira) custaram 3 reais, então sobraram 7 reais. O trabalhador recebe uma parte na forma de salário (por exemplo, 3 reais).

A outra parte converte-se no lucro do dono da padaria (que seriam 4 reais). Pensando em termos do tempo de trabalho, é como se a jornada do trabalhador fosse dividida em duas partes: uma delas é destinada à produção da riqueza que pagará seu salário e a outra gera a riqueza que será a fonte do lucro do dono da empresa. Então, com o valor novo que foi gerado com o trabalho dele (que é 7 reais), o trabalhador ficará somente com uma parte (3 reais), o resto é do dono da padaria. E por que isso? Pelo simples fato de o dono da padaria ser o proprietário de tudo: dos meios de produção e também do próprio trabalho do seu empregado.

Por isso, pode-se dizer que o lucro e a exploração do trabalho no capitalismo só são possíveis por causa da propriedade privada dos meios de produção, isto é, porque os meios de produção pertencem a alguém (o dono), e não a todos que trabalham. Como, no capitalismo, a fonte básica do lucro é a diferença entre o que o capitalista paga ao trabalhador e o valor produzido (descontados o salário e os custos de produção).

Lucro = valor do bem produzido – (salário + custo de produção).

Um dos recursos para aumentar o lucro ou recuperá-lo em momentos de crise é diminuir o ganho dos trabalhadores por meio da redução salarial e da intensificação do trabalho (fazer o trabalhador trabalhar durante mais tempo, ou produzir mais por menor salário).

Quando se estuda a História, percebe-se que nem sempre os trabalhadores aceitaram essas imposições dos empregadores. Por essa razão, pode-se afirmar que a evolução do capitalismo não é natural, mas um processo social que depende da relação entre capitalistas e trabalhadores em cada contexto histórico, isto é, em cada período da História e em cada país.

ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO E DA SOCIEDADE; ONTEM E HOJE

Mudanças na organização do trabalho: a transição do feudalismo para o capitalismo

A forma como se organiza o trabalho em uma sociedade repercute em todos os aspectos da vida: nas relações sociais, culturais, políticas e pessoais.

No capitalismo, o trabalho é caracterizado por competição, eficiência e disciplina, deixando sua marca em todas as instituições do cotidiano, inclusive na escola, na família e no Estado. Empresas disputam mercados consumidores; alunos de diferentes escolas competem por vagas nas melhores universidades, a fim de conseguir melhor qualificação para o mercado de trabalho, entre tantas outras marcas que o capitalismo imprimiu em nossa vida cotidiana.

Essa influência acontece por causa da importância que o trabalho adquiriu na organização da vida humana. As relações de trabalho estão em constante mudança, não apenas no Brasil, mas em todo o mundo, tanto do ponto de vista das tecnologias, como das suas formas de organização. É importante lembrar que o trabalho apresenta não somente aspectos técnicos, mas também culturais, que são inseparáveis.

Tecnicamente, as condições de trabalho em todo o mundo foram modificadas pelo uso de novas tecnologias, como a energia elétrica, que transformou profundamente a maneira como as mercadorias são produzidas. Culturalmente, a condenação moral da escravidão, por exemplo, caracteriza uma mudança que ajudou a transformar definitivamente as relações de trabalho: hoje apenas o trabalho remunerado é legalizado, ou seja, a escravidão é ilegal.

Contudo, mesmo tendo havido melhorias técnicas e mudanças culturais nas relações de trabalho, isso não significa que atualmente todas as dificuldades foram superadas, nem que não tenham surgido novos problemas.

As condições de trabalho de qualquer indivíduo estão marcadas pelo momento histórico em que ele nasce e vive, quer do ponto de vista cultural, socioeconômico ou técnico. Como já dito, o trabalho escravo é inconcebível nos dias de hoje e é notável a diferença que a energia elétrica trouxe para a produção e para o trabalho humano.

Atualmente, a forma como se organiza o trabalho no Brasil, e na maioria dos países, está condicionada pelos padrões capitalistas. Mas nem sempre foi assim. Antes do capitalismo, a organização da sociedade vigente na Europa Ocidental era baseada no feudalismo. A transição do feudalismo para o capitalismo é um bom exemplo para se observar as diferentes formas de organização do trabalho ao longo da História da Europa Ocidental a partir dos séculos XI e XII, quando o trabalho começou a se transformar, e mais intensamente a partir do século XIV.

Uma rápida comparação entre essas formas de organização do trabalho e da produção ajudará você a compreender as transformações das relações trabalhistas e a entender de que maneira elas caminharam lado a lado com as mudanças culturais e de valores das sociedades. Na Europa Ocidental, entre os séculos IX e XIV, a sociedade feudal era dividida por critérios sociais completamente diferentes dos que vigoram em nossa sociedade hoje, pois as pessoas eram definidas por sua condição de nascimento e religião.

O trabalho que um indivíduo executaria dependia da classe social em que essa pessoa nascera. Havia duas camadas sociais básicas: os servos e os nobres. Os servos, principais trabalhadores da época, eram responsáveis por todo trabalho braçal. Como a sua condição social era determinada pelo nascimento, eles, dificilmente, pertenceriam à nobreza.

Aos nobres, que eram os militares ou os altos membros da Igreja Católica, atribuía-se a responsabilidade de proteger os servos e de governar. No entanto, tal proteção justificava a exploração do trabalho servil. Por quase todo o tempo que durou o feudalismo, praticamente não houve trabalho assalariado tal como existe hoje.

A relação de trabalho baseava-se em uma série de obrigações dos servos para com os seus senhores, entre as quais trabalhar na terra dos nobres e pagar tributos em forma de serviços e produtos. Essas relações econômicas que envolviam a prestação de trabalho servil foram influenciadas pelas relações religiosas, na medida em que as ideias que justificavam essa divisão social eram formuladas pela Igreja Católica. Assim, por maiores que fossem as diferenças entre os grupos sociais que compunham a sociedade feudal, eles estavam unidos pelo cristianismo.

O comércio crescente na Europa, impulsionado em grande parte pelas Cruzadas, fez surgir uma nova classe de homens dedicados especialmente à atividade comercial: eram os burgueses, que, com o tempo, ganharam força e ajudaram a transformar o modo de organização econômica e social do mundo feudal. Esses acontecimentos contribuíram para o surgimento do capitalismo.

Dica

As cruzadas eram expedições militares organizadas pela Igreja, com apoio da nobreza, para combater a expansão dos infiéis e estabelecer o domínio cristão na Terra Santa (como era chamada a região da Palestina e a cidade de Jerusalém). Elas aconteceram entre os séculos XI e XIII e, como consequência, estimularam o comércio no Mar Mediterrâneo, restabelecendo as rotas comerciais com o Oriente. O objetivo religioso, no entanto, não foi alcançado, pois os muçulmanos continuaram a se expandir. A intolerância religiosa daquela época justificava as ações de ataque a quem não fosse cristão.

O capitalismo formou-se inicialmente na Europa Ocidental, transformando a organização do trabalho típica do feudalismo, e aos poucos se estendeu para outras partes do mundo. Do ponto de vista das relações trabalhistas, sua característica principal é o assalariamento (o trabalho pago em dinheiro).

Com a expansão do novo sistema, o critério de divisão social também mudou, não mais se baseando no nascimento ou na religião, mas no critério econômico. Isto é, no lugar da divisão de classes entre nobres e servos, os indivíduos passaram a ser classificados como proprietários (capitalistas) e não proprietários assalariados (trabalhadores). No feudalismo, a identidade social de um indivíduo estava fortemente marcada pela religião.

Portanto, pessoas de religiões distintas dificilmente conviveriam em um mesmo espaço. Isso não significa, contudo, que no capitalismo a religião tenha perdido a sua importância, mas sim que ela passou a ser um assunto privado, não mais determinando a classe social das pessoas nem a organização da sociedade.

Feudalismo

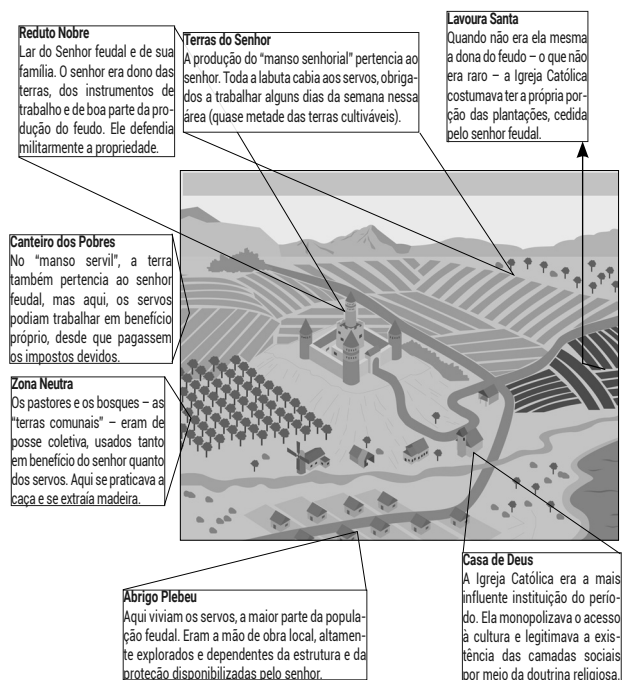
O feudalismo foi uma forma de organização da sociedade que prevaleceu na Europa Ocidental entre os séculos IX e XV, durante a Idade Média. Caracterizou-se, principalmente, pelo poder político descentralizado, pela economia baseada na agricultura de subsistência, pelo trabalho servil e pela divisão social fixa e hierarquizada.

Mas como essa forma de organização da sociedade se instituiu na Europa Ocidental? Desde o século III, as regiões dessa parte do continente europeu vinham sendo ameaçadas por invasões de povos germânicos vindos do norte e do centro-leste da Europa, chamados pelos romanos de bárbaros. Ao longo dos séculos seguintes, esses povos conquistaram a maior parte da Europa Ocidental, inclusive Roma, em 476. Essas conquistas contribuíram para a queda da extensão ocidental do Império Romano, isto é, a região que ficava na Europa.

Com o fim do Império Romano do Ocidente, o comércio foi se desarticulando, e os centros urbanos foram perdendo sua capacidade de se sustentar. Assim, a sociedade acabou migrando desses centros e se estabelecendo principalmente nas grandes propriedades rurais. Esse movimento migratório durou alguns séculos, e a maior parte da economia europeia passou a depender da agricultura. Por isso, tornou-se fundamental proteger a terra de ataques e invasões.

Foi esse movimento que deu origem aos feudos (também chamados senhorios), grandes propriedades de terra que funcionavam como centro da economia e da política no sistema feudal, que atingiu suas características clássicas no século IX.

Os feudos tendiam a ser autossuficientes, ou seja, produziam quase tudo que seus habitantes necessitavam, garantindo a sobrevivência desses povos. Veja a seguir a representação das divisões internas do senhorio medieval, isto é, como as terras do feudo eram organizadas:



Nesse período, a nobreza e a Igreja Católica possuíam a maioria das terras da Europa Ocidental e tinham autoridade sobre os feudos e, portanto, governavam a vida econômica e política das pessoas. O poder político era descentralizado na Europa medieval, não havia Estados politicamente organizados ou países como os que existem atualmente.

Apesar de haver reis (grandes senhores feudais), o poder político estava descentralizado, isto é, dividido entre os senhores dos feudos, que detinham toda a autoridade. Em suas terras, a Igreja Católica, além de grande proprietária de terras, também detinha o poder religioso, sendo responsável pela difusão dos valores sociais, culturais e religiosos que davam sentido à vida no feudalismo.

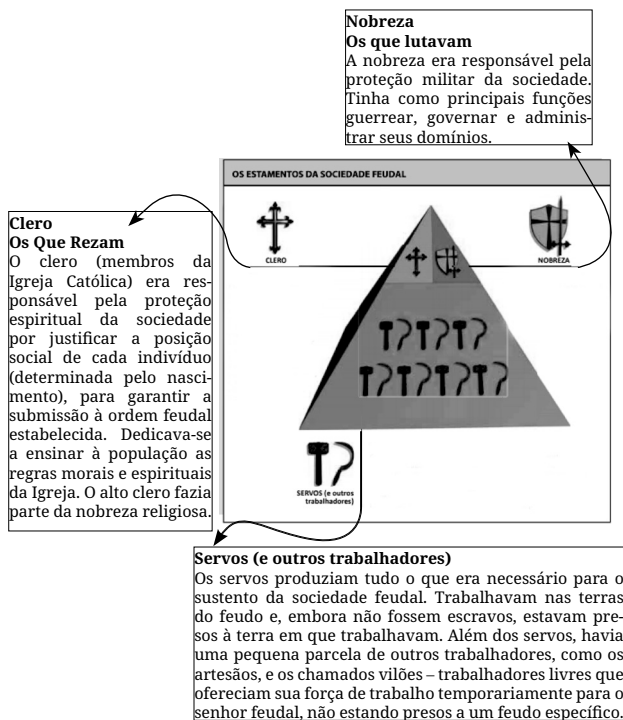
Economia baseada na agricultura de subsistência e no trabalho servil

A base da economia feudal era agrária. A maioria dos trabalhadores, chamados servos, vivia no campo e trabalhava na terra. Como o feudalismo prevaleceu durante séculos na Europa, isso significou que, por muito tempo, houve muito mais gente trabalhando e vivendo nas áreas rurais dos feudos do que nas cidades, as quais entraram em declínio.

Os servos eram trabalhadores livres que recebiam terra e proteção do senhor feudal em troca de fidelidade, obediência e pagamento de diversas taxas e impostos, como a talha (entrega de metade de tudo o que produzia em suas terras para o senhor), a corveia (alguns dias de trabalho gratuito nas terras do senhor) e as banalidades (pagamentos pelo uso de instalações do castelo, como moinho ou forno). Além disso, os servos não podiam abandonar o feudo para trabalhar em outro lugar; portanto, apesar de livres, estavam presos à terra.

Toda a produção agrícola do feudo era voltada para o abastecimento local, ou seja, era uma agricultura de subsistência. A nobreza e o clero (membros da Igreja Católica) eram sustentados pelo trabalho dos servos. O comércio entrou em declínio, e o uso de moedas na Europa Ocidental quase desapareceu.

A sociedade feudal seguia uma rígida divisão social, caracterizada por ser fixa e hierarquizada. Eram basicamente três ordens (também chamadas estamentos), como você pode ver no esquema a seguir:



Como é possível perceber, os servos e demais trabalhadores constituíam a maior parcela da população na sociedade feudal, representada pela larga base da pirâmide. Enquanto isso, no estreito topo encontrava-se a minoria privilegiada, composta pelo clero e pela nobreza. Essa estrutura social se definia com base nas funções de cada estamento na sociedade.

Outra característica importante da sociedade feudal era que as pessoas nasciam em determinada classe e permaneciam nela por toda a vida. Havia uma imobilidade social, pois o nascimento determinava a condição social de cada um. Quem nascia nobre morria nobre; assim como quem nascia servo morria servo.

A mudança de grupo social era rara, mas podia ocorrer, por exemplo, se o indivíduo conseguisse entrar para a vida religiosa, passando a fazer parte do clero. Mas, ainda assim, o clero também era dividido socialmente em alto clero, cujos membros só vinham da nobreza, e em baixo clero.

As relações sociais no feudalismo

Você estudou que, na sociedade feudal, a corveia e a talha eram algumas das obrigações dos servos com o senhor para quem trabalhavam. Para os servos, o senhor feudal oferecia proteção e possibilidade de viver nas terras do feudo em troca de trabalho.

Por proteção entende-se que os senhores feudais defenderiam o feudo de ataques externos (de outros senhores) e também poderiam ajudar os servos em casos de emergência, como em épocas de fome, quando eles, os senhores, abriam os seus celeiros aos camponeses.

Por possibilidade de trabalho entende-se que os servos poderiam arar o campo para garantir a subsistência da sua família. Embora não existisse a propriedade privada da terra na forma como se vê hoje (uma vez que não era comercializada), o feudo estava sob a autoridade do senhor feudal. De modo geral, era a nobreza que exercia o poder político e militar no feudalismo.

Na relação entre os nobres, um senhor feudal podia ceder um território a outro nobre em troca de fidelidade militar, estabelecendo uma relação de suserania e vassalagem.



Geralmente, o suserano era um nobre com autoridade sobre muitas terras, e que pretendia ampliar seu potencial militar, aumentando o número de nobres fiéis a ele, os quais o acompanhariam em uma guerra. Para obter essa fidelidade militar, um grande senhor doava parcelas de terra (feudo) em benefício de outro nobre, que, por sua vez, poderia fazer o mesmo.

O vassalo, por sua vez, também era um nobre que necessitava de terras e de camponeses que nelas trabalhassem; em troca de sua fidelidade militar, esse vassalo recebia um feudo. Assim, pode-se observar diferentes relações sociais no feudalismo:

- As relações entre a classe dominante aconteciam pelos vínculos de suserania e vassalagem, ou seja, entre nobres;